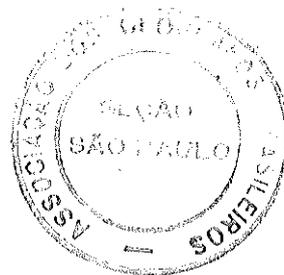

NOTAS

MILTON SANTOS: BREVE RELATO DA TRAJETÓRIA CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DE UM GRANDE GEÓGRAFO



*Adriana BERNARDES**

“Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?”

(Carlos D. de Andrade)

“Se se considera a materialidade como o império da necessidade, a ação como o império da liberdade e o espaço como a simbiose de ambos, este terá um papel basilar na produção racional do futuro”

(Milton Santos)

Desejo com este artigo homenagear o Professor Milton Santos, ressaltando suas qualidades como um intelectual permanentemente atento, rigoroso e generoso, pois sempre preocupado em valorizar o pensamento autônomo. Trata-se de um justo reconhecimento e não da busca cega de

* Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor Milton Santos. Colabora em pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (Laboplan) — USP.

construção de mitos e autoridades, que produz, como assinala P. Bourdieu (1989;114), “a existência daquilo que anuncia”. Como alunos e amigos do Professor Milton Santos bem sabemos da riqueza humana de nossos convívios, marcada por um cotidiano pleno de trabalho e, portanto, de embates, conflitos e prazeres, o que põe por terra qualquer tentativa de mitificação de sua pessoa.

Este artigo tem por base uma série de reuniões que tive com o Professor Milton Santos entre setembro e outubro de 1997. Trabalhávamos com o objetivo de reunir subsídios para um livro que o geógrafo francês Jacques Levy organizava para homenagear o Professor Milton. Se até então já nutria, como aluna, enorme admiração pela obra e pelo amigo, o envolvimento com esse projeto me permitiu ampliar a consciência da grandeza do percurso que Milton construiu ao longo de sua vida. Assim, o entusiasmo crescente que fui tendo ao longo do trabalho justificaram, posteriormente, a redação de algo que tivesse uma forma mais aproximada de artigo, onde eu pudesse transmitir a um público mais amplo um pouco do que foi a trajetória científica de um dos mais importantes intelectuais brasileiros. Foi o que fiz em dezembro daquele mesmo ano. Nunca tive a pretensão de uma pesquisa biográfica e tampouco me sinto autorizada a adentrar no campo da história das idéias.

E, na verdade, este texto retrata um mapa que não se aproxima verdadeiramente do transcurso que Milton percorreu. Está cheio de lacunas, de rotas interrompidas, porque nem mesmo cheguei a saber que existiram... É apenas um retrato fugidio este que apresento, mas com a esperança de que possa, juntamente com outros relatos, contribuir para despertar o interesse de jovens geógrafos que mesmo não tendo convivido com Milton Santos, poderão dar curso às suas idéias (e ideais). Segundo Gaston Bachelard (1971) “a idéia não é um resumo, é antes um programa. A idade de ouro das idéias não está no passado do homem, está no futuro”¹.

¹ Bachelard, G. *A Epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1971

Então, que este seja um convite para aqueles que queiram conhecê-lo melhor. Uma obra não se resume a dois ou três livros apenas, mas é sempre um esforço de dedicação, uma entrega de uma vida inteira.

***A Formação do Futuro Cientista na Bahia dos Anos 1950...
o Advogado Torna-se Professor, Jornalista, Planejador e,
sobretudo, Geógrafo.***

O colégio interno e a Faculdade de Direito, ambos em Salvador, legaram a Milton Santos aquilo que seria uma de suas marcas definitivas: uma forte formação filosófico-humanista. O jovem estudante soube não desperdiçar a oportunidade que poucos brasileiros, entre as gerações de meados do século, detinham: poder ascender aos estudos superiores num país ainda marcado por seus traços de atraso, advindos de uma dura realidade terceiro-mundista. Aliás, no período, poucos eram os centros urbanos no país que, como Salvador, podiam oferecer boas escolas secundárias e superiores.

Jovem e munido com os instrumentos intelectuais necessários, Milton Santos inicia sua carreira no Magistério e na redação do Jornal A Tarde (onde permaneceu de 1956 a 1964). Daí parece ter emergido duas frentes de combate; de um lado as portas se abrem para que ascenda o “homem público” e o planejador² e, de outro, o futuro cientista.

A vocação à pesquisa corre, portanto, neste período, paralela às atividades mais propriamente políticas e técnicas. Milton Santos participa, vale salientar, da forte efervescência intelectual que reinava no Brasil.

Tanto nos centros universitários, quanto nos nascentes órgãos de planejamento, cientistas humanos debruçavam-se sobre a questão nacional e

² O Presidente Jânio Quadros ao tomar posse, em 1960, nomeou Milton Santos subchefe da Casa Civil na Bahia. Posteriormente, ele é também convidado a presidir a Comissão Especial de Planejamento Econômico da Bahia, cargo que ocupou até 1964.

sobre os problemas regionais, pois era urgente encontrar uma explicação e, conseqüentemente, uma saída, para o subdesenvolvimento brasileiro. Contando com apoio financeiro, isto é, recursos às pesquisas³, M. Santos voltou-se às questões regionais e aos estudos urbanos, com ênfase no tema das cidades e das redes urbanas. Entrementes, realiza sua Tese de Doutorado em Strasbourg, sob orientação do Professor Jean Tricart, trabalho este consolidado no livro: *O Centro da Cidade de Salvador*⁴ (1959). Em consonância, no período, Milton Santos cria e passa a dirigir o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. Juntamente com seu orientador Jean Tricart faz inúmeros trabalhos de campo pelo interior da Bahia formando jovens pesquisadores. Aliás, é justamente nos trabalhos com o Professor Tricart que Milton Santos credita, àquela época, seu aprendizado para com a disciplina e o rigor científico.

Resulta, desse primeiro período, inúmeros estudos empíricos publicados na forma de relatos de viagens em jornais, bem como na forma de artigos científicos publicados em diversas revistas. Este é um momento em que prevalecem, na obra do autor, os trabalhos empíricos, estando, por conseguinte, a vocação teórica ainda latente.

Entretanto, suas atividades como “homem público” levaram seu nome a compor os arquivos do exército. De um lado, estavam suas atividades na Comissão Especial de Planejamento Econômico na qual, com vários pesquisadores, buscava equacionar problemas de ordem social; entre as propostas, por exemplo, encontrava-se aquela que visava taxar com impostos as grandes fortunas do estado. E, de outro, seu cargo como Sub-Chefe da Casa Civil o levou a integrar a Comitativa Presidencial de Jânio Quadros à

³ Tais recursos provinham, por exemplo, da primeira Fundação para o Desenvolvimento da Ciência do país, criada na Bahia, bem como da Fundação Joaquim Nabuco, na pessoa de Gilberto Freyre e, posteriormente, da própria Universidade Federal da Bahia, por ocasião da instituição do Laboratório de Geomorfologia, que foi dirigido na época por M. Santos.

⁴ *O Centro da Cidade de Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia- Editora Progresso, 1959.

Cuba. Em regresso, Milton publicou vários artigos relatando os caminhos da Revolução instaurada naquele país. Todos estes são fatos que, somados a outros, o conduziram à mira das Forças Armadas com o advento do golpe de Estado de 1964.

Desse modo, determinantes históricas, entrecruzadas com opções individuais, levaram Milton Santos, definitivamente, a dedicar-se à vida acadêmica. O exílio veio marcar o encerramento da breve e promissora carreira política e consolidar, por outro lado, a importante carreira como “homem da ciência”.

***O Exílio: Aproxima-se o Mundo, Distancia-se o Brasil.....
Na França, o Trabalho de um Geógrafo do Terceiro
Mundo... (1965 - 1972).***

Acolhido por universidades francesas, Milton Santos dá início aos seus estudos mais generalistas e passa a preocupar-se, em suas pesquisas empíricas, com o Mundo⁵. Sua constante insistência para com a veracidade histórica dos fatos o impele às primeiras edificações teóricas. Mas, os caminhos a trilhar não são nada fáceis, pois nem todos estão dispostos a dialogar com as propostas do autor, ainda mais um autor provindo da distante América Latina. É, então, redigido, pelo autor, *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*⁶ (1971), uma tentativa consistente de resposta àqueles que resistem ao diálogo e uma forma de, através da elaboração de um método pertinente, lutar pela autonomia intelectual.

Assim, como proposta, Milton Santos apresenta as noções de *periodização* e de *totalidade*, justamente para enfrentar aqueles discursos que considera vazios, isto é, aqueles constantes embates *conceito x con-*

⁵ Seu livro: *Les Villes du Tiers Monde*. Paris: Ed. Génin, Librairies Techniques, 1971, bem demonstra tais preocupações, pois o autor busca definir as realidades do terceiro mundo diferenciando-as, funcionalmente, daquelas vigentes nos países industriais.

⁶ *Le Métier du Géographe en Pays Sous-Développés*. Paris: Ed. Ophrys, 1971.

ceito, que distanciam o pesquisador da própria história; o discurso, anuncia, deve ceder lugar ao método. Para o autor, ao mudar o período, mudam, necessariamente, os instrumentos de análise. Eis uma máxima do método que o autor insistirá em toda sua obra.

Ora, na França, Milton Santos passou a vivenciar com maior vigor a emergência deste novo período que, naquele momento, denominava por *período tecnológico* da história. Trabalhando com um grupo de geógrafos franceses decidiu recortar, ao encontrar o esquema necessário, a temática das *modernizações* e suas implicações geográficas⁷. Nascia, desse modo, a noção de *tempo*, casada com a das *técnicas* e com os *sistemas espaciais*. Aí, estaria o germão de mais um problema reflexivo que o autor levará por todo o futuro; como aproximar a noção de tempo do pensamento espacial? É também, neste momento que frutifica uma genuína teoria para as cidades do terceiro mundo substancializada no livro *L'Espace Partagé* (1975), através da teoria dos *dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos*⁸. Com este livro Milton Santos problematiza as interpretações das teorias dos pólos de desenvolvimento e dos lugares centrais aplicadas aos países subdesenvolvidos, nos evidenciando como, tais modelos, não correspondem à realidade existente.

Mas, não obstante o distanciamento do Brasil, de onde apenas recebe notícias — de alguns familiares, amigos e, sobretudo, de Milton Santos Filho, que também o auxilia nas pesquisas — chega, ademais, depois de vários anos, o momento de deixar a França.....

A América do Norte: a Crise Urbana e o Subdesenvolvimento. (1972 - 1973).

Agora, como Professor e pesquisador convidado do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e da Universidade de Toronto, Milton Santos

⁷ Ver, particularmente, *Modernisations et Espaces Dérivés*, *Revue Tiers Monde*. Paris: Presses Universitaires de France, n. 50, 1972.

⁸ *L'Espace Partagé*. M. Th. Génin. Paris: Editions Librairies, 1975.

distancia-se dos rígidos cânones da geografia francesa, aprofundando seus contatos com o pensamento anglo-saxão. Ganha força sua vocação filosófica que, salienta o autor, sempre esteve voltada à epistemologia da geografia.

Consolidando, ainda, sua produção de uma teoria para as cidades do terceiro mundo, o autor, neste momento, investiga e publica vários artigos sobre a temática da crise urbana e do subdesenvolvimento, buscando explicar o fenômeno que denominará por *urbanização desigual*. Para Milton Santos, a dialética estabelecida entre o atraso que persiste e as modernizações que aportam cria, no terceiro mundo, geografias muito específicas. Eis mais um traço de sua obra e que o inquietará constantemente e, daí, ser preciso edificar com maior vigor a teoria e o método.

A Venezuela: uma Dívida...

Saindo dos EUA, desempregado, os venezuelanos o acolhem. Fato este que sempre o faz repetir que tem uma enorme dívida para com este país: "...cada vez que eu tinha um problema os venezuelanos me davam um emprego...".

Para onde Partir? O Convite para Lecionar na África... (1974 - 1976)

Entre outras, a oportunidade de permanecer por um período de dois anos numa mesma Universidade, fez M. Santos — e sua família — optar por cruzar novamente os continentes e viver na Tanzânia. Como responsabilidade maior cabia-lhe, juntamente com um grupo de Professores convidados, consolidar uma Universidade — Universidade de Dar-Es-Salam — num país socialista e tratar das questões do desenvolvimento.

E, agora, avulta o desenraizamento; longe da América Latina, longe da Europa... como evitar a desagregação? A filosofia e, paralelamente, o marxismo, preenchem tal distanciamento. O autor mergulha nos estudos da história da ciência mas, com maior ênfase, nas correntes fenomenológicas e

Adriana Bernardes

existencialistas. A não existência de vínculos com o novo território, bem como uma certa tranquilidade oferecida para o bom desenvolvimento do trabalho, criaram condições para que as reflexões abstratas ganhassem ainda força maior, isto é, ainda maior inclinação. Como evidenciar, teoricamente, que o espaço geográfico é o grande mostuário da realização prática da totalidade? Eis o problema epistemológico recortado...

Novamente, os EUA... a Formação Sócio-Espacial em Debate! (1977-1978)

Munido com dois pacientes anos de reflexão, Milton Santos volta aos EUA e aporta na Universidade de Columbia, adentrando no seio de uma calorosa discussão sobre geografia e marxismo. Apresenta, neste momento, à comunidade de geógrafos norte-americanos, sua *dialética espacial*, através da categoria *formação socioespacial*⁹. O autor insiste em indicar, pois, que o espaço geográfico realiza todas as funções históricas e sociais de um momento dado e, nesse sentido, admite o espaço como uma instância social, preparando caminho para o definir como uma *forma-conteúdo*. Acompanha a proposta conceitual e de método, a noção de divisão territorial do trabalho e de eventos como mediações entre a totalidade e as partes, ou seja, as necessárias mediações para o mundo realizar-se concretamente.

É desse modo que o autor intenta uma certa atualização do marxismo, ou seja, sob o ângulo de sua disciplina. Ao tornar operacional sua proposta descarta, por conseguinte, a necessidade de apoiar-se nos discursos vigentes no período. Tais reflexões, publicadas em várias revistas de línguas inglesa, espanhola e francesa preparam aquele que será um de seus livros de maior fôlego... *Por uma Geografia Nova...*

Saindo de Nova Iorque e passando rapidamente por Paris, Milton e sua esposa Marie Hélène decidem que o filho, Rafael, teria que nascer na Bahia e, desse modo, retornam ao Brasil. Ponderando, ao chegar ao Bra-

⁹ Society and Space: social formation as theory and method. *Antipode*, vol. 9, n. 1, fevereiro, 1977.

sil, que já havia completado 50 anos, O Professor decide também que é chegada a hora de voltar definitivamente. Mas, será no Rio de Janeiro e em São Paulo, desta vez, que prosseguirá com os trabalhos....

O Retorno ao seu Território: a Reconquista do Brasil na Década de 80...

De volta ao Brasil, já num tempo de anistia aos exilados, Milton Santos depara-se com um outro país, e percebe que será preciso entendê-lo novamente.

É, então, feita a opção deliberada por reconquistar seu país. Como contrapartida, aceita isolar-se do exterior por um período e, por isso, no início dos anos 1980, poucas foram as publicações e as viagens ao exterior. O longo amadurecimento intelectual anterior será inteiramente voltado de um lado a edificação da teoria e, de outro, às pesquisas sobre o Brasil.

Edita, primeiramente, seu livro *Por Uma Geografia Nova* (1978)¹⁰, uma inegável contribuição à geografia e aos avanços da geografia crítica brasileira que, no momento de seu retorno, vivia um caloroso debate. Adverte, no entanto, que a crítica deve ser analítica...

Mas, as dificuldades são ainda grandes e, para enfrentá-las, Milton Santos inicia uma longa pesquisa sobre a nova urbanização brasileira. Ao mesmo tempo, ganha força a compreensão do novo período, o que lhe permite recortar, precocemente, a temática da globalização¹¹. Resulta, deste momento, inúmeros artigos sobre a urbanização no período técnico-científico-informacional que, mais tarde, estarão substancializados em livros como: *A Metrópole Corporativa e Fragmentada* (1990); *A Urbanização Brasileira* (1993); *Por uma Economia Política da Cidade* (1994)¹².

¹⁰ *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978, (5a. edição, 1996).

¹¹ Ver, particularmente, *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.

¹² *Metrópole Corporativa e Fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.

Em meados da década de 80, é publicado *Espaço e Método* (1985)¹³, um livro em que o autor busca consolidar sua compreensão do espaço como uma forma-conteúdo, estabelecendo as quatro categorias do método geográfico: *forma, função, processo e estrutura*. Bem como, delinea os elementos do espaço e os caminhos para entrever as mediações entre o *interno e o externo, o novo e o velho e o Estado e o Mercado*. É, ainda, afirmado seu conceito de *meio técnico-científico*; o novo meio geográfico apto à eleição do capitalismo maduro. Neste momento, já Professor Titular da Universidade de São Paulo, Milton Santos começa, pois, a ter os frutos de seu retorno ao Brasil. No final da mesma década, publica *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988)¹⁴, uma reunião de artigos onde busca sistematizar sua proposta de que um mundo novo solicita uma geografia renovada. Privilegiando seu enfoque sobre os *sistemas de engenharia e os fixos e os fluxos*, o autor avança em sua tentativa de conceituar o espaço geográfico à luz da história do presente.

Chama a atenção dos geógrafos, porque acredita que esta disciplina tem ainda maior poder explicativo no atual período pois, como nos diz, “a totalidade se empiricizou”. Mas, adverte, na mesma proporção em que estamos convocados a explicar o mundo contemporâneo estamos, também, ameaçados, caso não encontremos um esquema e um conceito operacional para o espaço geográfico. Assim, considera fundamental distinguir espaço de paisagem, na medida em que o espaço, ao contrário da paisagem, “contém movimento”¹⁵.....

A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

Por uma Economia Política da Cidade. São Paulo: Hucitec-Editora PUC/SP, 1994.

¹³ *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

¹⁴ *Metamorfoses do Espaço Habitado* (em colaboração com Denise Elias). São Paulo: Hucitec, 1988

¹⁵ Curiosamente, uma vez indagado sobre os motivos que o despertaram para a geografia, assim respondeu: “o que despertou minha vontade de ser geógrafo, na realidade, era que eu ficava intrigado com o movimento. Por que é que as pessoas, os trens, os automóveis, correm de um lado para outro?”

Estabelece, também, um rico debate com a Nação, em torno da Constituinte, da Cidadania e do Território, publicado em jornais da Bahia e de São Paulo. O livro *O Espaço do Cidadão*¹⁶ (1987) nos fornece uma boa amostra desse momento, pois aí o autor ensaia uma importante crítica à crescente e individualista sociedade de consumo produzida recentemente no Brasil. Por aqui, diz o autor, tende a prevalecer, na ausência de um verdadeiro sujeito político, um *consumidor mais-que-perfeito*.

O Brasil, desse modo, vai sendo obrigado a reconhecer o Geógrafo e Intelectual Milton Santos e, pouco-a-pouco, suas idéias começam a ser ouvidas e debatidas nos meios acadêmicos e políticos. Mesmo na USP, onde encontrou forte resistência ao debate de suas propostas, o Professor (como respeitosamente é chamado) começa a formar alunos e, a partir de então, a formar, mesmo, uma “escola de pensamento”....

***O Reconhecimento da Obra e do Intelectual:
nos Anos 1990, o Brasil e o Mundo Juntos.....***

Alcançando, portanto, o objetivo de reconquistar o Brasil, Milton Santos irá, na década de 1990, empreender esforços para vir a público com sua concepção teórica sistematizada. Entrementes, recebe vários títulos de Doutor Honoris Causa de universidades nacionais e estrangeiras, bem como aquela que será sua maior premiação — o Vautrin Lud, em 1994 — amplamente divulgada pela mídia brasileira.

Como presidente, primeiro da ANPUR (Associação Nacional de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) e, posteriormente, da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), organiza reuniões científicas internacionais na Universidade de São Paulo, realizando um trabalho pioneiro cuja temática, *globalização e território*, concedeu destaque à geografia brasileira¹⁷.

¹⁶ *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

¹⁷ Os Encontros Internacionais referidos resultaram na seguinte coletânea de livros:

Reunindo aqueles artigos teóricos de maior envergadura, produzido nos últimos anos, Milton Santos publica *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*¹⁸ (1994). Norteiam este livro duas idéias entrelaçadas centrais; de um lado o autor considera que o período histórico atual conforma um sistema temporal coerente cuja compreensão, por outro lado, dependeria do entendimento da natureza dos sistemas técnicos vigentes. Assim, a técnica forneceria, em sua proposta de método, um elo histórico e epistemológico entre “os sistemas de objetos e os sistemas de ações”, ou seja, permitiria alcançar a própria natureza do espaço geográfico. Interessante ressaltar que o presente livro tem ampla divulgação, sobretudo entre os leitores mais jovens, que parecem nele encontrar possibilidades de apreensão de um presente que poucos autores conseguem traduzir dada a sua aparência fragmentária e caótica.

Convicto, há muitos anos, de que seria possível sistematizar um corpo teórico capaz de ser operacional apresenta, em 1996, seu livro *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (1996)¹⁹. Trata-se de um projeto anunciado ainda na década de 70 que persistentemente buscou, dando vazão ao seu desejo de produzir uma “teoria maior”, isto é,

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. de; SCARLATO, Francisco C. & ARROYO, Monica. *Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993

SOUZA, M. Adélia; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco C. & ARROYO, Monica. *Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993

SCARLATO, Francisco C.; SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia & ARROYO, Monica. *Globalização e Espaço Latinoamericano*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993

SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia & SILVEIRA, Maria Laura. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

SOUZA, M. Adélia; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco C. & ARROYO, Monica. *Problemas Geográficos de um Mundo Novo*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1995.

¹⁸ *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

¹⁹ *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

uma teoria que consista num “ponto de partida para a apresentação de um sistema descritivo e um sistema interpretativo da geografia” (1996;15). O geógrafo está, pois, armado para enfrentar o debate, na medida em que o método e o sistema conceitual se transcrevem numa “hipótese de trabalho aplicável”...

Esta última obra foi lançada por ocasião de seus 70 anos e, não por coincidência, ocorreu simultaneamente ao Encontro Internacional *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo*, organizado por sua companheira de trabalho de longos anos, Professora Doutora Maria Adélia de Souza.

E o Professor Milton Santos continuou a trabalhar em suas pesquisas com o mesmo ritmo e rigor. Produziu, entre 1996 e 2001, uma análise e uma síntese sobre o território brasileiro, fundada na constituição e na dinâmica do meio técnico-científico-informacional²⁰. Cada vez mais requisitado para expressar sua interpretação do mundo e do Brasil contemporâneo, Milton Santos aproveitou a oportunidade para estabelecer um amplo debate com a Nação polarizado em torno de três eixos: (a) a abertura do Brasil, sem críticas e, portanto, sem projetos, à globalização; (b) a nova urbanização brasileira e as realidades territoriais emergentes neste contexto — a crise da federação; (c) o papel do intelectual, das humanidades e da Universidade, diante do avanço tácito das formas de racionalidade instru-

²⁰ O Livro: *O Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI* (2001), em co-autoria com Maria Laura Silveira, editado pela Record, é um dos resultados principais desses anos de pesquisa. Este livro conta também com oito artigos temáticos, de autoria dos orientandos de pós-graduação Marcos Xavier, Cilene Gomes, Fábio B. Contel, Soraia Ramos, Eliza Almeida, Lídia Antongiovanni, Adriana Bernardes e da Professora Doutora Maria Angela Faggin P. Leite. Entre os alunos de graduação colaboraram Iara Sakitani, Gustavo Nobre, Marcelo Pisetta, Edison C. Bicudo Jr, Vanir Belo, Adriano Zerbine e Ricardo Ragatieri.

Esta era mais ou menos a equipe de pesquisa coordenada pelo Professor Milton e que seguia com o desenvolvimento de novos projetos. As preciosas presenças de mais três orientandas de pós-graduação do Professor, Mónica Arroyo, Paula Borin e Flávia Grimm completam a equipe.

mental. Grande parte do resultado deste esforço ficou registrada em seu último livro de ensaios *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal* (2000) — um largo sucesso editorial — bem como em inúmeros artigos enviados às revistas científicas e aos jornais (sobretudo àqueles que escrevia com periodicidade: Correio Brasiliense e Folha de São Paulo).

Quanto à produção teórica, creio que Milton Santos avançava nos propondo a inclusão da *emoção* no cerne da elaboração do pensamento. Segundo o autor, esta seria uma forma possível para rompermos com o *cogito*, isto é, com uma dada tradução iluminista do mundo. Agrupa tais reflexões naquilo que denomina ser uma *epistemologia da existência*, concepção esta que apreende o *espaço banal* — o espaço geográfico, como nos diz, por excelência, pois o espaço de todos — como aquele que autoriza a fazer o caminho entre o ser e o existir...”A idéia de espaço banal, mais do que nunca, deve ser levantada em oposição à noção que atualmente ganha terreno nas disciplinas territoriais: a noção de rede”, assinalou o Professor Milton Santos (1994; 16).

Daí falar, em diversas oportunidades à comunidade geográfica brasileira, sobre a importância de edificarmos uma política de prestígio a partir de um discurso teórico-prático, o que possibilitaria construir um pensamento geográfico que, nascido no Brasil, fosse universal. Assim, manifestando-se contra uma certa *geografia de experts*, Milton Santos reclama por uma produção do conhecimento que não seja alheia ao cotidiano dos lugares e que, embuído de emoção, volte-se aos reais problemas contemporâneos das coletividades.

É imensa a saudades que sentimos do Professor; uma presença grandiosa, porque em busca permanente de princípios, porque sorridente, inteligente, generosa. Somos muito agradecidos por tudo o que nos propiciou, pelo patrimônio intelectual que legou ao Brasil e ao mundo, por sua força em lutar. Receba nosso abraço!